



RUA NOVA



CARLOS DE BRITTO & C.^o



Avenida Lima Castro, 532-540

Proprietarios das Fabricas "PEIXE"

Fabrica Matriz em PESQUEIRA

Fabrica Filial e Escritorio em Recife á Avenida
Lima Castro 532-540



Endereço telegraphico — « PEIXE »

Telephone n. 64

Agentes em todas as praças do paiz
e estrangeiro



V. Excellencia vae comprar
Roupas Brancas ?

Economise tempo e dinheiro

VISITE A



Camisaria

::: Especial :::



e compare os seus preços que são

20 % mais baratos

Preço fixo

Rua Duque de Caxias, N. 235

Telephone n. 526

CASA BRACK



É o primeiro
estabelecimento
de modas, miude-
zas e perfumarias.

As elegantes
confeccões do Re-
cite são feitas na

CASA
BRACK

Preços modicos ao
alcance de
todos

244 - Rua Nova - 244

VERA CRUZ

Companhia de Seguros sobre a Vida
Capital integralizado 500:000\$000

Avenida Rio Branco n. 47 — RIO DE JANEIRO

Superintendentes:

Carneiro & Galvão, Ltd.

Avenida Marquez de Olinda
RECIFE

FABRICA ZENITH

Durães Cardoso & Cia.

IMPORTADORES DE FARINHA DE TRIGO E ESTIVAS

Exportadores de assucar, cereaes e café

Fabrica:

Escriptorio:

ILHA DOS CARVALHOS, 58 e 84 RUA JOAO DO REGO, 213 e 221

Telephone, 343

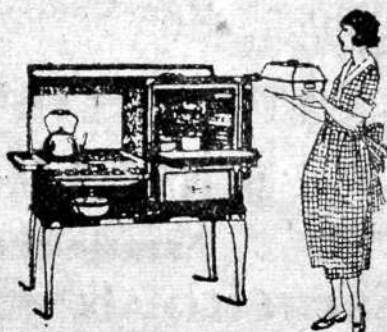
Telephone, 147

Telegramma — ZENITH

Codigos: RIBEIRO e BORGES

GAZ-CALOR-HYGIENE

Fiscalize sua
cosinha e re-
duza sua con-
ta de GAZ,
para 60\$000
por mez.



Consumo de gaz para almoço, five ó klok tea e jantar por familia de 3 adul- tos e 3 crianças.	120 metros cubicos
Abatimentos de 30 %	36 > >
Consumo liquido	84 > >

84 metros cubicos a \$700 por metro 58\$800 por mez.

Fogões a venda e para aluguel na **Loja do Gaz**
na Rua da Imperatriz 139

Epocha invernosa. Banhes mornos. Aquecedores
de agua a gaz.

Um confortavel banho morno por \$080 de gaz

Pensae na commodidade destes aparelhos, sem-
pre promptos a fornecer serviço hygienico e agra-
davel e sem perda de tempo dae a vossa
casa estes modernos confortos, indis-
pensaveis á completa felicidade do lar!

**Instalação, manutenção, demonstrações
praticas do uso gratuitamente.**

Ide a Loja do Gaz e effectuae vosso
contracto.

Rua Nova

Director—De Sá Leal

Recife, 28 de Agosto de 1924

Nú e Arte

para Joaquim Inojosa.

Aquella estatua toda nua: de braços nus, de pernas nuas, começou a fallar:

—Fizeram-me de pedra; e os homens me olha: tanto, que eu tenho medo dos homens, cheios de olhares. Mas,

logo depois eu socégo:

olham-me, e nem me to-

cam, e nem me di-

zem uma pala-

vra louca,

e nem

fazer

siquer

um risozinho de

maldade. E elles

me olham tanto... E eu

estou nua, toda nua, como

uma estrella. A minha pelle está

tão fria, tão fria, que é por isso que

elles pensam que me fizeram de pedra. E

os homens me olham tanto não têm siquer um

pensamento mão...

DUSTAN MIRANDA.

Do livro *Tarde cinza...*



Perturbação

Sentei-me. Um grosso livro de figuras,
Conservava aos meus joelhos. Muito perto.
Thereza, cheia de esperanças puras...
No olhar celeste, a graça, o bem... deserto...

Junto de nós, ninguém. Era deserto...
Enchi-me de illusões mui prematuras...
Mudos... um riso não se abre... liberto
A vista e a vejo e ella me vê. Venturas...

E nos clhamos muito. Ella sentada,
Fazendo renda; eu me julgava pó...
Em frente o livro abria eu e mais nada;

Folheado o mesmo todo como um Job,
Ella, a renda já tinha toda errada
E eu, nem lembrança, de uma folha só!...

De Sáez

O canto da Araponga

Quando estridulo vibra o canto da araponga,
Que das servas se erguendo a tudo mais supplanta,
Cuido ouvir na amplidão, que as vibrações alonga,
A alma inteira da Matta a voar-lhe da garganta!

Metalisa-se toda, e forma pernilonga
Assume o arbusto, o roble, a mais humilde planta;
Converte-se a Floresta em ferreiro, o prolonga
Das bigornas o som cue, malhando, leyanta!

E' o rustico estridor da Officina terrigena
A gloria de ser livre, a cantar em transporte,
Qual ao som dos borés a cantava o indigena;

A gloria do Triumpho e a gloria de viver,
A vida bendizendo e sem temer a morte,
Final libertação do ser e do não ser!

Fernão Pereira

Modernissima

"Na confeitaria"
 rua Nova de mil e um poetas...
 de arvores-mulheres de cabelo ver-
 de...
 de calçadas peludas e postes en-
 fermiços...
 de bondes que falecem nas esquí-
 nas...
 de mulheres de éter nas varan-
 das...
 de silêncio alto e fino e penetran-
 te...
 de plagios e visões de Marinetti...
 de manhãs-creanças e de tardes
 doentes...
 de vento que maneja o bisturi...
 de versos soltos e de versos bran-
 cos...
 de precursóres e de futuristas...
 de quanta extravagancia ha pelo
 mundo!...
 garôta!...
 é a creatura mais alegre da rua...
 piritinha e turbulenta!...
 levá o dia correndo com os me-
 ninos...
 nem por sombra lhe agrada u'a
 boneca!...
 as outras pequenas não gostam
 dela...
 a garôtnha nem se apercebe dis-
 so...
 vive sorrindo...
 um mundo de trelas enche-lhe a
 cabecita...
 u'a cabecita loira de cabelos ar-
 reptados...
 seus paes são pobres...
 o homem sáe de manhãzinha para
 o trabalho...



O pequeno Ivanildo de Araujo Lima
 filhinho do sr. Olivio de Araujo
 Lima

■ ————— ■
 a mamãe costura na saleta...
 ela ganha a rua...
 a rua... os outros meninos... os
 folguedos!...
 a garôtnha é temida...
 aposta carreira... brinca de man-
 ja com os mais fortes...
 e quando tropeça não chora...
 o seu vestidinho é remendado...
 o seu corpinho é moreno do sol...
 o sol de um dia inteiro!...
 a mamãe não pode com a filhi-
 nha...
 e quando o papae regressa, e traz-
 lhe um beijo, ela está tão suja e
 arranhadinha...
 que o papae...



Guilomar (Didi) filhinha do sr.
João Paulo Cavalcanti

fica zangado e passa-lhe um ca-
rão...

— que pequena levada! dizem as
velhas da minha vizinhança...
e todos evitam a garôtninha...
ela nem se apercebe disso...
vive sorrindo...

à porta da confeitaria o mesmo
quadro...

moças e rapazes que flirtam...
tudo assim... finalmente... lon-
gamente...

inteiramente espiritual...

a canalha "chic", no dizer do Sil-
vío Moura, impede a entrada...

as moças pedem licença...

— Petronius...

uma vontade... um desejo de bai-
lar!...

o suave maestro Figueirêdo e as
suas escandalosíssimas risadas...

o rapaz barrigudo...
e a menina magra como o trilho
do bonde...

alguem...

a moça de óculos sentou-se à ul-
tima banquetta...

a menina do "Santa Margarida não
veiu..."

Branca também não veiu...

nem Lygia... nem Lourdinha...
um Catulina...

puxa! que até minha pequena me
enganou... ficou de vir... não
veiu...

— olá Oswaldo!... Letacio até a
vista!... senhores...

— Já? !

— não sabem?... minha peque-
na...

— ah!...

a orquestra adormece...

os "garçons" servem mansamen-
te...

tudo vagarosamente...

vou-me embora...

a confeitaria está irritante...

"A INTRIGA DO LENÇO"

o dr. F... contou-me...

e não me esqueci...

foi assim...

numa dança...

"mille." A... tinha um lençinho...

estranho... bizarro... original...

um primor de arte...

e toda a vez que ia dançar, pu-
nha-o numa cadeira...

e sempre o encontrava...

mas na última contradança...

a cadeira era o lugar mais lim-
po!...

"mille." teve pena...

era tão bonitinho!...

"interessante é que um dos con-
vivas, o M..., hoje possui um len-
çinho igual ao de "mille." A..., es-

tranho... bizarro... original... isso
é segredo"...

concluiu o dr. F...

Castello no ar

SOCIEDADE PERNAMBUCANA

Si eu fosse rico, muito rico, escandalosamente rico, como esses Crepus americanos da terra do petroleo e cujas torrentes de ouro compram as consciencias hypnotisadas da maieiria dos homens, e a mocidade cynica das mulheres de corpo lindo, plasmado na perfeição da estatuaria grega, mas de almas enfeitçadas pelas seducções demoniacas; si eu fosse rico assim, mandaria construir, no cume de um rochedo batido pelo mar, uma torre branca, de marmore branco, alta, tão alta e tão simples que a procellaria, ao querer attingir o seu vertice occulto no turbilhão das nuvens, sentira a vertigem das alturas inalcançadas e cahiria exanime no seio das ondas inquietas...

E ali eu me exilara com os meus thesouros, com as minhas revoltas, com as minhas dôres, com os meus livros, com os meus sonhos, para a meditação, para o refinamento da minha arte extranha e dessas idéas que, no torvelinho da minha vida tumultuaria, morrem nos abysmos do meu cerebro, como essas florinhas anemicas que o frio das "steppes" assassina...

E, do alto da minha cella de eremita da hypocondria, seria meu o primeiro raio de sol; o oxygenio puro dos espaços inatingidos, passaria primeiramente nos meus pulmões minados pela tuberculose das orgias; os meus olhos deslumbrados, os meus olhos famintos de poeta insatisfeito, seriam os primeiros a se extasiarem na paysagem polychromica da luz sonora, se derramando trememente de voluptia, como a lava incandescente dos vulcões, correndo aggressiva, por sobre o verde claro das aguas sussurrantes.



SENHORITA NOEMI GONÇALVES

E quando chegasse o meu declínio mental; e quando o soffrimento fizesse a min'halma insurrecta estarrecer de pasmo e de colera; e quando estivesse concludido, em versos suaves como as notas de uma harpa eolia, vibrando em surdina dentro da noite parada, o meu poema phantastico, que só teve a inspiral-o o conforto da saudade constante, e o alimento espiritual do martyrio dantesco, em uma noite caliginosa e má eu lançaria fogo ao meu tumulo de granito, para que os homens ao verem aquella chamma colossal illuminando as solidões do oceano, se convencessem de que era o meu proprio, o meu indomavel coração de pamphletario, que se anniquillava aos poucos, estertorante e afflicto, no irrisorio anseio de commover essas coisas brancas e essas almas barbaras por quem tanto se apaixonara...

ENEAS ALVES.

⋮ *Bric-a-Brac* ⋮

CHRONICA DE FILIPPE'A

O inverno faz suas despedidas e com a entrada do verão, a Filippéa Encantada toma novos aspectos, des- envolvendo seu movimento e reves- tindo-se de uma belleza invulgar que enche de orgulho todos os parahy- banos.

As ultimas chuvas escasseiam-se, deixando os vestigios do rigoroso in- verno, que talvez não seja repetido dentro de muitos annos.

Os sertões apresentam em quadros vivos, os effeitos da terrivel cata- strophe de que foi victima todo Nor- deste. Mas cessaram a furia e o ter- ror. Apenas ao anoitecer, uma chu- vinha ligeira, uma vez por outra, cae sobre a cidade, tornando-se im- portuna.

São os ultimos lampejos da esta- ção que passa... e nos envia seus adeuses.

Começam a apparecer os indicios do verão. A Filippéa prepara-se para saudar a estação predilecta das capi- taes.

...do dos Jardins", ostentan- do uma belleza rara, resurge depois de uma longa ausencia e dá uma vida nova á Filippéa, recebendo em seu seio a sociedade alegre e diver- tida, para gozar a aragem fresca de suas praças formosas.

As galantes senhorinhas preparam- se para este movimento de elegancia, graça e distincção...

Durante o dia as normalistas gar- rulas, de porte altivo e elegante, des- filam pelas ruas, quasi sempre acom- panhadas, deixando transparecer nos labios o sorriso da juventude.

A' noite, a Praça Venancio Neiva realça, com a presença do elemento feminino.

E' o ponto "chic" onde todos se entregam á volupia da alegria e do divertimento.

E' o "flirt" a distracção mais agradável da mocidade, enquanto não passa de simples trocas de olha- res e de prosas ingenuas, que não toquem nem de leve na sensibilidade do bello sexo.

E' delicioso estacionar alguns ins- tantes na Praça, vendo passear as mimosas senhorinhas que de pas- sagem deixam um sorriso encantador, satisfazendo aos olhares que as per- seguem.

Está ali representada Mlle. Pu- reza de Paulo Danisio, e que tão gentil enche de graça e de encanto a praça principal da cidade.

São como as *Deusas*, brincando no Olympo e por onde passam deixam um poema em cada coração de seus multiplos admiradores.

Após seguem as crianças graciosas, de cabellos louros bem aparadinhos e pernas nuas.

São verdadeiros botões das flores de amanhã, exhalando um perfume puro, como a candidez dos lirios e a simplicidade de suas almas.

São as crianças que constituem o encanto e o arrimo dos lares, como as senhorinhas, constituem tambem a graça e a belleza da sociedade.

E' assim que a Filippéa Encanta- da desperta para uma nova vida e é assim que se iniciam suas tardes alegres.

Todos numa só voz bemdizem a entrada do verão e entoam hymnos á Cidade dos Jardins.

JOÃO DO RECIFE.

O artista que construiu um verso egregio

Sim, constrõe o teu verso, Artista. Erige-o,
levanta-o qual se fôra uma pyramide,
molhando de suor a tua chlamyde
num esforço que chegue a ser prodigio

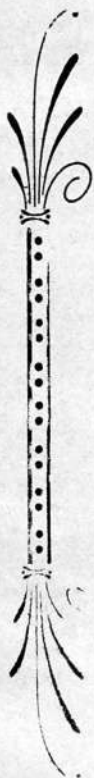
Ergue o teu verso, Torturado da Emoção,
pacientemente, heroicamente,
qual se erguesses um templo bysantino
para o teu Sonho omnipotente
ou para a tua propria glerificação.

Que as tuas rimas sejam as columnas jonicas
deste teu verso portentoso e egregio
em cujas proporções architectonicas,
por um divino privilegio,
gravarás toda a emocionante historia
da tua alma, toda a historia
do teu desejo,
da tua fé,
do teu amor.

Trabalha! E' este o unico ensejo
de alcançares a presenhada gloria...
Trabalha mais, ainda...
Edifica o teu verso, Senhador!

Emtanto, terminada a tua obra
— ah, como o sonho é vão! —
quando a tua tarefa estiver finda,
tanto maiores se patentearão
a tua angustia e a tua dôr,
quanto mais agro tiver sido o teu labôr.
Pobre Artista! com a tua propria mão,
em vez do templo de columnas jonicas
que sonhaste;
em vez do verso egregio
de proporções architectonicas,
que desejárás como um privilegio,
apenas conseguiste o que não aspiraste:
apenas revelaste
a tua imperfeição!

PERYLLO D'OLIVEIRA.



Soneto de Martha

(Antigo)

Meu amor: — recebi a tua carta...
(Inda porque viria perfumada?!)
O teu amor de meu amor se aparta;
O nosso amor desfaz-se em pó e é nada!

Quanta amargura e desespero! Martha,
Toda a tua paixão ficou em nada?!
...Eu imagino apocrypha esta carta!
Não é tua esta carta, minha amada!

Intrigas d'outrem... (E a verdade nua,
Quero occultal-a!) Intrigas. Illudi-me:
Eugano-me, a calligraphia é tua...

...Vão contigo os meus sonhos mais queridos!
O teu char... a tua voz sublime!
--Essa voz que é tão grata aos meus ouvidos...

JOÃO MONTEIRO.



Rimas rubras

Ré pugna esta mulher que ti enleva e fascina
E dentro no teu peito uma ilusão acende!
Olha que de quem ama o desespero é sina
E vive triste e só, quem por amor se prende.

Não sei quem da mulher as afeições pretende
Si ela é o guardo do mal que punge e que lancina.
Despreza esta alma vil que nem sonda e comprehende
A grandeza do amor que ti vence e domina.

Ama o prazer somente, ama o vicio que mata
Da carne que se entrega ardente e palpitante
Numa sede de gôso em teus braços de bruto...

Louco! Tortura e fere, ensanguenta e maltrata
O corpo escultural da tua doce amante
Pois só vence no amor quem sabe ser corrupto!

ALOISIO RESENDI.



:: Gazeta do velho mundo ::

O MANIFESTO DOS CINCO

O jornal "les Treize" publicou no mez passado uma interessante carta de M. Gustave Guiches, o unico dos cinco signatarios do manifesto contra Zola, que não tinha ainda feito conhecer a sua opinião, onde o elegante escriptor esclarece a sua posição.

M. E. Herriot e a litteratura franceza. O actual primeiro ministro da França é o autor da importante obra *Précis de l'Histoire des Lettres*.

Paul Verlaine vai ter uma estatua em Metz, sua cidade natal. Os habitantes de Rethel, suscitaram um conflicto, porque acham que devia ser neste lugar o melhor local para a estatua.

O Conselho Municipal de Rethel, interveio, concordando que se erigisse o monumento em Metz, porem que se desse a uma das principaes ruas de Rethel, o nome do grande escriptor.

Gabriel d'Annunzio, em carta dirigida á marinhagem, annuncia que renunciou definitivamente a vida publica, voltando a ser o artista que era antes da guerra.

Louis Aragon, Georges Auric, André Boiffard, André Breton, Joseph Delteil, Roberto Desnos, Max Ernst, Francis Gerard, Max Morise, Pierre Naville, Benjamin Péret, Francis Poulenc, Philippe Soupault, Roger Vitrac, publicaram um manifesto, exprimindo a sua grande admiração pelo valor litterario de Pablo Picasso.

Murice Barrés, vai ter em França, um monumento nacional, que perpetuará a sua memoria.

Até os principios do mez findo a subscrição attingiu a 79.781 francos, sendo subscriptores entre outros: Doumergue, Millerand, Poincaré, Herriot, Maginot, Reibel, Louis Barthou, Sarrait, os marechaes Lyantey e Fayolle, s.e. o cardeal Du bois, M. Georges Clemenceau, o general Castelnau, René Douine e Henry Bordeaux.

Em Paris, a sociedade de estímulo ao bem, vem de conceder uma medalha de prata ao escriptor Gabriel Gabron, por seu romance sobre a incarnação apparecido em Berger—Levrault: *Yan, fils de Maroussia*.

Sob o titulo de *Brada*, que foi um de seus numerosos pseudonymos, a condessa Puliga, publica uma série de memorias sobre os seus principios litterarios.

Esposa de um diplomata residente na Allemanha, começou de escrever, mais para se destrair do que por ambição litteraria.

O manuscrito de seu primeiro romance, foi publicado sob a capa do anonymato na *La Vie Parisienne*.

Ficou depois longos anos assidua collaboradora dessa revista, sob a direcção de Marcellin, onde, revelou o grande fulgor de seu talento.

Brada era victima de Dupanloup, o grande bispo de Orleans, a quem ella fez a confidencia dessa collaboração.

A *Acadé^mia Franceza* vem de conceder o premio *Anais Segalus* ao romance—*Enterrou l'Adultère*. Esse li.

vro, pela belleza de suas paginas alcançou um verdadeiro triumpho litterario e um bello successo de livreria.

*

Emile Henriot—autor de *Aricie Bruns ou les Vertus bourgeoises*, que vem de receber o premio do romance da Academia Franceza, publicará em outubro proximo, uma nova edição de seus romances: "l'Instant" et "le Souvenir" et "le Diáble á l'hôtel ou les plaisirs imaginaires".

*

Em 1.º de julho findo, appareceu em Paris a revista *les Loups*, sob a direcção litteraria de Maurice Wolf, trazendo prosa e versos ineditos de Victor Hugo.

*

A imprensa do Vaticano se modernisa e se engrandece.

Vão ser construidos os andares de um edificio e nelle installar-seão machinas novas, movidas a motores electricos.

O papa muito se interessa por esses trabalhos.

Quando a nova imprensa funcionar as mulheres entrarão no Vaticano para trabalhar nas machinas linotypo. Estas mulheres serão religiosas.

Os direitos da mulher na Abyssinia ultrapassaram os da mulher na Europa e na America. Nas casas abyssinias, a mulher não é ama, é senhor. Ella tem o direito de expulsar o marido se elle procede mal e em seguida tomar outro.

Por fim, é uma mulher quem governa a Abyssinia.

Chama-se Laoditou e é filha do imperador Ménelik.

*

Betard, director da Companhia Franco-Rumenia, fez o percurso de Varsavia a Paris, em 13 h. e 15 m., em 5 do mez passado. Partiu ás 4 da manhã, escalou em Praga e Strasbourg e aterrou em Bourget ás 17

e 15. Por estrada de ferro, teria gastado 3 dias.

*

Ninguém quer comprar a villa de Landru. Me. Charrier, notaria em Melun, poz em adjucação no mez findo, a villa de Gambais, onde Landru, levou successivamente as dez desposadas, das quaes nada esclareceu, quanto ao seu desaparecimento. Nenhum comprador se apresentou. Compareceu muita gente. As pessoas porém, que lá estiveram, eram jornalistas, em busca do novo proprietario...

INFORMADOR.



Fé

Por que será que a vida passa?
Por que será que os homens vão
num rythmo de gloria e graça
passando num turbilhão?

O homem pergunta, á luz escassa,
que vem do proprio coração.

Por que será que o homem pensa?
E a este tenuissimo clarão,
seffrendo uma ansia amarga e im-
[mensa.
ignora a sua razão?

O homem soluça, á luz escassa
que vem do proprio coração.

Por que será que o homem vive?
E que impellido de u'a mão
alteia, vae por um acclive
em mysteriosa ascenção?

O homem espera, á luz escassa
que vem do proprio coração.

Pensa o homem. Vive. Passa a vida
Que debil luz a da razão!
Mas a sua alma incomprehendida
diz-lhe que nelle nada é vão.

E elle é feliz, á luz escassa
que vem do proprio coração.

LUIS DELGADO.

Rua - Mulher — Seus gestos...

Seus sorrisos... Seus perfumes...

LUARES RUBROS

Há uma nova musica pelo ambiente-suavidade.. No entanto o luar, q' tão velho está, era a força motriz dessa symphonie evocadora de partituras paradoxaes, aonde passassem rythmos de uma valsa subtil de Nelson Ferreira e de um "foxtrot" oriental de Alberto Figueiredo...

Nella havia, sem duvida, os be-mões de "Petronius" e os sustenidos de "Amor... Supplicas... Desejos...".

E o luar era rubro como uma toalha ensanguentada, mas ensanguentada de branco, de um sangue branco...

Sob elle um homem que só sabia sonhar, sonhava, divagando em divagações exóticas incomprehendidas para os nescios, mas cheias de ouro em pó da belleza maravilhosamente bella... Do "exquise", verdadeiramente original... Do sonoro prodigiosamente melodioso...

Que importava a turba-multa dos mediocres incapazes do phantassimo, que elles teimam em chamar "futurismo"?

E mais uma vez inatingido e sereno, o homem foi caminhando sob os luares rubros de tua nobre e bizarra arte, foi caminhando, foi caminhando, foi caminhando...

*
* *

"UMA NOITE DE ARTE"

Quando chegará, enfim, a grandiosa data dessa noitada de sensa-



SENHORITA AURORA LINS

ção, de elegancia e de encanto? Ver milles. Lucia Rodrigues de Souza, Maria do Carmo Rodrigues de Souza, Cecy Cantinho, Lucia Lewin, Lourdes Souza Leão e tantas outras cantarem, recitarem e dansarem, alem dos "encantadores", como sejam o Noé do Rego Barros, o Octavio Moraes, o Dustan, o Góesinho, o Luis Atlas e o Alonso Rodrigues de Souza, é cousa que faz todo o mortal ficar ancioso e interessado. E o "Mademoiselle Focking"? E o coro de "Vtller" da "Viuva Alegre", que o Jacques diz ir maravilhar? E' pena que não seja logo amanhã...

*
* *

Rua Formosa. Tão nova
que amar não sabe, sequer...
— Tela fina inda em projecto
— Um projecto de mulher...

*
* *

SAUDADES DA "VELASCO" !
O distincto moço que é o dr.

Armando Goulart, ficou muito triste na noite em que a "Velasco" se despediu de nós.

O elegante capitão Nelson Leobaldo nos disse que a Clara Milano não era extranha á manifestação sentimental do joven delegado auxiliar, tendo ficado assente que não diríamos nada a ninguém, o que até hoje temos observado religiosamente... Isto, porem não impediu que alguém enviasse ao dr. Goulart a seguinte quadra:

Meu amigo, não lamente
que assim é a vida humana!
Depois de "beso" á hesanhola,
macarrão... á italiana...

*
*
*

UM POETA PARAHYBANO

Eudes Barros é um joven. Um joven que faz versos. Versos cheios de alma, de expressão e de vida. E' um poeta. A sua voz irrompe lá do norte numa ária melodiosa, blandiciosa, dulçurosa... Eu tenho cuidado, muitas vezes, Eudes cantar. Não é vaidoso. E' um simples que tem o espirito como um trecho de rústica paisagem: arvores, rios, passaros e flores... Recife quasi não o conhece. Mas eu direi a Recife que Recife desconhece um poeta parahybano, um visinho, um irmão. Não é um genio de fanzaria... Nem é genio. E' um acrobata que se equilibra no trapezio da lyra com vigor e com elegancia. Nasceu poeta. E há-de sel-o até morrer...

QUADRAS

Matar o tempo na festa?
(Que tarefa tãta e ingrata!)
Vê bem: de tanto matal-o
Elle um dia é que nos mata...

*
*
*

O "auto-caminhonico" e intellectualissimo dr. Arnaldo Lopes, há dias, na porta do "Jornal do Reci-



SENHORITA LUIZA GONÇALVES
DA SILVA

fe", conversava com alguns amigos sobre uma, tres chronicas que ainda pretende inaugurar em igual numero de jornaes da terra.

E dizia: "Hei de fazer criticas aos versos de Oswaldo Santiago, reduzindo-os a cinza! Hei de ironisar as "poses" do dr. Alonso, do Mario Guimarães, do Paulo Feitosa — a trindade que viaja no "bonde que morreu". — Hei de vencer as nullidades enfatuadas dando-lhes combate sem treguas. Hei de pintar o sete!"

Em certo momento, ajuntou-se ao grupo o sr. Léo Veiga, graphologo e litterato, sobraçando livros de Renault e de outros mestres da sua arte. O dr. Arnaldo Lopes parou de conversar e, depois, com aquella sua curiosidade tradicional, pediu-lhe "para ver" um dos livros que o Léo Veiga trazia debaixo do braço. E este respondeu-lhe, fleugmaticamente, se retirando sem satisfazer o pedido:

— "Não tem calungas..."

O Príncipe das Estrellas.

"O PERIGO DOS TROCADILHOS"

Quando o joven A... outro dia, saiu de auto em companhia de sua irmãzinha Z..., em busca de uma estrella às tres horas da tarde...

"mlle." G... estava á guarda de casa...

ela é doidinha por doces...

e em vendo passar o menino da alfêoa chama-o sempre...

ora, nesse dia, "mlle." cansava-se de chamalo... o moleque ia longe... não podia ouvir... "mlle." quasi chora...

então um menino que passava gritou...

— psiu!... venha cá... "felô!... a moça tá chamando... "felô!... "felô..."

o moleque virou a esquina...

mas o Fellows que passava naquele instante foi ter com "mlle.", supondo ser ele o chamado...

ah! o perigo dos trocadilhos!...

ainda bem que mlle. não se zangou, e até esqueceu o menino dos doces...

"UMA BALBURDIA FUTURISTA"

— que lindo jardim!...

— é seu... disse-me o dr. F. R...

— obrigado... mas o que o torna tão lindo?...

— um jardineiro inglês que mlle. Conceição me recomendou...

— um jardineiro inglês?...

— e ainda por cima futurista...

— futurista?... que perigo!...

— o curioso é que ele em vez de fôfar, de preparar a terra, cortar as plantas, pisa tudo, quebra tudo, estraga tudo...

— como assim?...

— métodos futuristas... os futuristas escangalham tudo, e depois como por milagre tudo renasce e com mais viço...

— não posso entender...

— pois bem... logo aqui junto a



Senhorita Maria de Lourdes M. R.
de Castro Vasconcellos

este canteiro, quasi tocando na varanda, ha uma flor bellissima... venha ver... olhe!...

— extraordinaria!...

mlle. Conceição nesse momento chegou á varanda e perguntou pelo jardineiro...

o passadismo é que é sem pés e cabeças?... não sei...

eu não entendo nadinha do que escrevi... então essa historia... continua?... não!... ainda não começou... aguardem... brevemente... delirio... insensatez... tolice escrita... brevemente...

"NO POSTIGO"

a seção começa aqui...

AZULILNEO.



MILAGRE

Naquelle humilde lar em que vivia,
Veze com fome e sede e mal vestida,
O seu lindo filhinho era a alegria
Daquelle boa mãe sempre esquecida.

O esposo, incorrigivel jogador,
E brusco e sem caricia e sem amor,
Semanas e semanas não voltava,
E se voltava, em breve regressava
Ansioso, á jogatina miseravel,
Entre gente malvada e detestavel,
Era esta a sua hedionda profissão,
E como jogador, tambem ladrão.

Ao proprio filho até aborrecia,
Já não mais o beijava, não fazia
A minima caricia, Carrancudo,
Austero, deshumano, oliando tudo,
A' esposa maltratava cada dia,
E com que ansia, em silencio, ella soffria
Essa dor, esse mizero pezar
Que só as boas mães sabem chorar!...

Só nos olhos do filho ella enxergava,
Um lenitivo para a sua vida,
Naquelle humilde lar onde habitava,
Veze com fome e sede e mal vestida!...



Certa vez, foi maior o seu tormento:
O filhinho enferrou. O esposo odiento
Havia longos dias não voltava,
A febre ao pequenito devorava
Lentamente!... Sem meios, sem conforto.

A pobre mãe previa o filho morto!...
Desamparado e triste e sãr materno
Vendo e prevendo o sofrimento eterno
Que lhe traria a morte do seu fructo.

Cheia de fé num gesto resolutio,
Louca de dor, em prantos, soluçando,
Ao seio o pequenito aconchegando
E olhos erguidos para o firmamento,
A' Deus supplica o fim de seu tormento:

— Eterno Poderoso!... Pae Celéste!...
 Dá-me sempre a pobreza que me dêste,
 Mas restitúe a vida do meu filho!...
 De novo dá-lhe aquelle mesmo brilho
 Da vida que em seus olhos me animava!...
 Só elle é meu prazer, meu lenitivo,
 Nos revezes do mundo em que ora vivo!"...

E chcrava e gemia e soluçava
 Nessa angustia infeliz, dilacerante!...

Eis que chega o marido nesse instante,
 E ao vê-la assim nesta expressão sublime,
 Elle sente o remorso do seu crime,
 Extranha força occulta já o domina!...
 A alma rebelde, bruta e libertina
 Não resistiu — e quem resistir'a? —
 A dôr que a pobre esposa ali sentia,
 E por terra prostou-se arrependido:

— Venceu-me a tua dôr!... Sou convencido
 Da minha ingratição, dos erros meus!...
 Falla a voz da razão, a voz de Deus!...
 Maldita seja a hedionda convivencia
 Que me arruinava aos poucos a existencia!

Finda, portanto, o pranto doloroso
 — Pingos de chuva desse cihar piedoso! —
 Perdôa boa esposa, as minhas faltas,
 Nessa oração divina em que te exaltas,
 Enquanto mais eu soffro e mais me humilho,
 Por tí!... Por teu amor!... Por nosso filho!"...

E agora humilde, arrependido, apenas
 Aos pés da esposa afflicta se prostou,
 Lindo e filho sorriu e descerrou
 As moribundas pálpebras pequenas!...

Voltou ao doce aprisco a ingrata ovêlha,
 Já vinha perto a noite, O Sol descia,
 E o velho sino da igrejinha velha,
 Badalava tristonho — Ave! Maria!...

Cuvilhe Deus a supplica intranquilla,
 Nem poderia, enfim, deixar de ouvi-la,
 Porque dentro do amor e da esperanza,
 Quem é mãe tudo péde, e tudo alcança!...

Do "HORISONTES" inédito.

J. ALCIDES FERREIRA.

Da Imperatriz

á rua Nova

Rua paradoxal!

A Imperatriz não sei porque assim é
burgueza.

tem uns tons de tristeza
seus velhos casarões. Enquanto,
qual se fosse mulher, a Rua Nova é
gente

desperta tal encanto,
dá a impressão de ser imprevidente
não pensa no porvir,
vive a sorrir.
como se a vida fosse, eternamente,
eterno carnaval...

O Silvio Moura, de gravata preta,
sistema borboleta,
bancando o "coronel" ao Gildo paga
o chá
e, á porta da "Bijou", á bengala en-
costado,
conta-nos mil "potins", com ar tam
engraçado,
o "pequenino" Américo de Sá.

Numa mesa da entrada,
namorando uma moça oxigenada,
vejo Doutor Alonso, o médico-humo-
rista

o Góesinho, de capa azeitonada,
fala de uma "Impressão de Noite de
Conquista".

Appareceu, enfim, na Rua Nova,
Amanda

e o joven futurista,
o elegante Doutor Dustan Miranda,
que crônicas já fez de arte moderna,
fita_a de uma maneira muito terna,
mas, na verdade, muito passadista.

Vejo Inojosa agora tam tristonho
e dizem que não quer mais brinca-
deira,
já desapareceu, tam belo anhelô!

pois, de ser precursor, seu doce sonho
e, em lembrança das côres da ban-
deira,
de verde transformou-se em amarelo.

O antigo Harold Lloyd, o da "Pilha-
ria",

rota Anisio Galvão,
inspirado cultor das musas do Par-
naso,

já não faz caso
da porta da "Bijou", tem catadura
séria,
falam que alguém lhe traz bem preso
o coração.

O almofadinha Djalma e o bardo Ge-
dofredo,
entre um sorvete, um "ice-cream" e
sôda
discütem com o Alberto Figueiredo
as ultimas criações... porém da mo-
da.

Vae se fazendo noite, de repente,
os globos de cristal lüzem na rua
e, no entretanto, a vida tumultua
e a multidão sorri, alegremente...

Ao Inojosa, o verde futurista,
para acabar pedir licença quero
de um modo, na verdade, modernista,
mas sempre "velho", por que é bem
sincero!

Os risos, que eu notei talvez escôn-
dam máguas...
Noite, vejo lampeões a tiritar de
frio,
que se espelham, a tremer, no reci-
fense rio
m columnas de luz e de oiro sobre
as aguas...
OICATEL.

Ilusão

Um bosque. Arvores seculares.

Manhã. O céu está azul, salpicado de nuvens brancas, como flocos de neve.

Sol radiante.

Penetro no bosque. Olho: ninguém.

Silêncio. Um rio desliza mansamente. Negras pedras bordam sua margem.

Pergunto ao rio a causa daquello silencio. Elle não me responde, apenas murmura.

Caminho. Sempre o mesmo scenario.

As folhas das arvores côm a luz do sol. Sopra uma briza leve.

Agora o rio em curvas acaricia com doçura as brancas pedras de seu leito.

Vejo um vulto inspiradôr de mulher.

Pensa. Sua imagem reflete-se no espelho natural das aguas. O vento brinça com seus cabellos.

Quem será? Uma nympha? Uma princeza? Não sei.

Approximo-me. Oh! não. Não é uma nympha. Talvez uma princeza.

Tem os cabellos cortados.

Approximo-me ainda. Mais.

Agora vejo-a completamente. E' mais do que uma nympha, é mais do que uma princeza. E' Ella!... o meu sonho côr de ouro, o meu idéal de moço.

Meus passos assustam-na. Ella volta-se. Vejo a alegria de me vêr estampada em seus olhos. Ergue-se e corre em minha direcção.

Estreito-a em meus braços, beijando-a na testa, nos cabellos.

E sempre juntinhos, dali partimos.

O caminho é florido e cheio de espinhos. Estrada da vida.

Os passarinhos cantam um hym-

no de amôr, enquanto o rio murmura.

Accordei. Fôra tudo um sonho, uma illusão. A realidade é bem diversa.

Ella... é tão indifferente.

ALBERICO CASTRO.

O COLIBRI

Que lindo é o colibri, o passarinho encantado, sempre irrequieto, a voar!

Eil-o! De onde teria surgido? Das cambiantes de uma aurora ou de um magestoso poente; das fantasias de um sonho; de um punhado de flores, ou do tremeluzir fascinante da irrogação dilucular?

Quem sabe! O colibri vive do delicioso nectar das flores.

E de que poderia elle viver, assim, tão bello e tão mysterioso, senão da bebida dos deuses?

O colibri é o magico poeta dos jardins e o trétego e nervoso namorado das flores...

E ellas todas o amam e todas se deixam beijar por elle!...

Flores! o colibri é voluvel! o colibri não para de voar!

Mas, que é feito delle, agora?

Fugiu... fugiu como por encanto!

Oh! o colibri o colibri furta-côres!...

Antonietta Xavier.



O cego da Belleza

Tu me cegaste com a tua belleza. Maior do que Demetrio, esculpindo as formas nuas de Aphrodite, quiz, numa anciedade louca, numa volupia de Deus, dilatar as forças inteligentes da minh'alma, dentro de teu corpo de marmore bruhido.

E todas as minhas luminosidades interiores crearam um alto motivo de perfeita graça, de belleza ingenha e simples, na harmonia insondavel que se escnde entre os mysterios da tua vida palpavel, nas maravilhas do teu ser.

Tens uma forma animica á proporção que te vejo na minha arte.

E's irreal e humana. E o cinzel, copiando a tua carne, fuzilava, na pedra, em relampagos divinos.

Nas suas palpitações entrava a intelligencia do meu coração. E eu sentia, creando-te, os estremecimentos loucos, esses transportes sublimes que sentem os esculptores em torno da sua obra de arte.

A claridade da minh'alma corria, no meu olhar, febril, como se o teu perfil magnifico se infiltrasse pelo meu sér, comburiendo todos os meus instinctos, queimando todas as forças da minha sabedoria.

E os relevos e ondulações da tua plastica tomavam na minha anciedade, a animação de uma existencia feita exclusivamente para a minha anciedade.

E tu eras toda uma anciedade.

Havia concluido o marmore do meu sonho, a minha estatua animica!

Fil-a a imagem e semelhança de ti mesma.

O esforço de arte, dispendido no trabalho, orgulhou-me, porém. E o buril fugia-me dos dedos... O olhar ficou perturbado de sombras... Já



YD. MARIA AMALIA DE CASTRO MOURA

No dia 15 do corrente assistiu ao decorrer do seu anniversario natalicio a exma. sra. d. Maria Amalia de Castro Moura, digna esposa do conceituado moço Julio Jorge de Miranda Moura, do alto commercio desta praça.

Commemorando a grata occurrencia o digno casal offereceu uma encantadora festa aos seus parentes e amigos em casa de sua residencia, á rua Coronel Suassuna n. 618.

Os nossos effusivos parabens á nataliciante.

te... E a minha intuição de artista já não era a mesma: Fugias, ao meu entendimento, como uma nevoa, um perfil nebuloso na esbatida paysage dos meus olhos. Ficaste, contigo mesma, e em ti mesma; ficaste no espaço, em noção do bello, esgueirando-se na minha anciedade.

E ouvi a tua voz magnifica ciciar-me ao ouvido:

—Demetrio, que fizeste! Perdeste a minha forma, naquella transplantação do irreal para a vida, do sentimento das minhas formas para o entendimento da tua arte.

—Demetrio, Demetrio que fizeste! Onde perdeste a celebridade que iniciavas nas formas loucas da tua Aphrodite!

Que fizeste do corpo de Thais. ó Demetrio!

E Demetrio, cego, na belleza da sua estatua, havia perdido a noção da luz, ao contemplar, maravilhado, os ultimos retços da sua obra de arte.

ESDRAS-FARIAS.

Paisagem triste

(Inedito)

Paisagem de minh'alma... Pleno Outono.

O vento é como um ciciar de prece.

Zumbem grillos na sombra e no abandonado.

Ouve-se ao longe um sino... A tarde desce.

Dizem que, outr'óra, aqui, esguêra um throno

O amor e que a illusão brotára em messe...

Só a Saudade agora vela o somno Do Passado que em ruinas adormece...

Paysagem da Alma. Erguem-se, ainda bellas

Na tristeza das folhas amarellas, Arvores que floriram n'outra idade...

Paysagem de Minh'Alma... Sol poente...

Um sino longemente, longemente, Soluça a avemaria da Saudade...

EUDES-BARROS.

Adail...

Foi uma rara surpresa para mim, quando eu a vi. Com um vestido de menina, e nas meias curtas, e um corpo quasi de menina, eu pensei que ella era toda menina, muito menina, somente menina. Mas, quando ouvi a sua voz, e a sua palavra me veio, trazendo uns pensamentos seus, umas coisas tão intelligentes, e eu reparei bem no seu gesto, e na sua falla, e em toda sua maneira, então eu fui vendo que, si ella era bem menina na forma e no vestido curto era bem muier na intelligencia e na vontade. Mulherzinha... Achei-a adoravel. E eu lhe disse que era uma linda promessa. Adail dança bem, caprichosamente bem. E, quando foi da festa de arte, que o espirito subtil e encantador de S. Juanita Machado preparou para encenar essa coisa suave e mystica, e enteneceadora, que é a sua pastoral "O Natal", levada com exito feliz no Santa Izabel, era Adail a figurinha mais interessante e a coisinha mais mi-mosa, que os meus olhos acarinharam com enlevo. Vae isso perto de fazer um anno. Mas, já esse tempo se ensaiava a peça. Adail, menina, vestido curto, meias curtas, e ás vezes um agasalho de lã, conversava. Tinha uma voz... E me dizia que havia de em pouco botar um vestido comprido, e uns sapatos a Luis XV, e ser mocinha. E, quando na pastoral ella trajou aquella tunica longa, e aquelle véo por cima da cabeça e das espaduas, os meus olhos acharam-na tão linda (pensei que ella parecia u'a mulherzinha) que ficaram muito tempo na sua tunica e no seu véo. E elles ficaram se lembrando, muitas vezes, da tunica e do véo...

JOÃO DA TARDE.

Cartas á Flôr de Lys

II

Minha presada amiga:

Uma pessoa de nós ambas amiga, após ter lido a carta preterita que te mandei, sem bisbilhotice, procurou saber de mim si tu és minha noiva.

Um riso foi minha resposta. E respondi bem.

Foi uma curiosidade innocente, filha desta quadra em que toda a irreflexão despona do muito reflectirmos o que nos cerca, e, de par com ella, uma sympathia avassaladôra, que corrige, em grande parte, os desvios da nossa inexperiencia.

—Hontem, minha Flôr de Lys, fui ao Caes do Porto. O meu velho amigo Antonio Valente, director do vessel "O Semeador", de Maceió, embarcara no "Alba". Fôra ao Rio.

Estava uma tarde linda. O vento açoitava a gente sem piedade, e o mar estava zangado.

O recife immenso de pedra, que rasga o peito do mar, ali está firme, enfrentando o elemento salso. E' o atalaia do abysmo comprehensivel, norteando com o seu pharol, em noites de derrota, os pacificos transatlanticos.

E me lembrei de ti, meu Amor, da tua paixão simples, da tua amizade ao mar. E a grandeza deste teu sentimento está nisto: aquelle mysticismo maravilhoso que se te apresenta um bem para o teu organismo. "Ao quente arfar das virações marinhas,"

—Depois... depois de um silencio de horas, appareci junto á estatua

de Rio Branco, e a mente occupou-se estheticamente dos alexandrininos da "Mentira de Bronze".

Sim, minha Flôr de Lys, a revivencia do espirito nacional completava-se naquelle brasileiro em quem refundiram-se os élos partidos e esparços da integralidade brasilica.

E nesta circumstancia está a sua maior grandeza.

E nem mais é preciso dizer. O resto da sua historia tu o sabes melhor que eu.

Apenas, adstricto á observação pessoal, prefiro apontar-te o seu influxo na geração academica de então, hoje envelhecida pelos annos, a quando da passagem de Rio Branco em minha Faculdade de Direito.

Dali, arrastou-o o imprevisto para a capital do Paiz, após na vida de estudante do quarto anno, aqui, constituir-se a mais longa e fecunda intelligencia, que maravillhou a todos ser, futuramente, o lucido estadista demolidor e reconstructor, golpeando o Universo com uma diplomacia, que foi a base pratica do triumpho definitivo do nosso Brasil.

O Recife, minha Flôr de Lys, tua terra, é uma cidade que, em seus monumentos, dá muita lição lá para as bandas do sul, e dahi vai o seu justo renome, bem casado com o actual aspecto de cidade a reconstruir-se para sua boa vista topographica.

Hoje, Flôr de Lys, fui mais longe do que queria. Doutra feita, porem, serei mais breve; e com os protestos de sincera amizade que te dedico, sei o teu

Boulangier Uchôa.

Aos simples

"Não me deis, meu Deus, intelligencia que me não sirva para auxilio do proximo, nem forças que não contribuam ao aperfeiçoamento do homem."

George Elliot.

E' a vós, almas simples, seres conspícuos que, por não terdes sido ainda attingidos pela praga dos vilões do egoísmo, de maledicencia, do crime, do vício, da pusillanidade, me dirijo para vos prevenir, com a simplicidade de pensamentos e sem a preocupação estafante de fazer litteratura sobre um alluvião de cousas ruins que tem o mundo, pois que ellas vos podem obrumbrar as facultades de bem sentir aquillo que enobrece ao espirito e o deixa numa commo ponderabilidade, levitando o ether em que vive. Penso que estas advertencias vos interessarão sobremodo, maximé se estiverdes de animos desprevenidos contra os sentimentos maledicos ou sem forças para banirdes das mentes o aboletamento de ideas deshumanas, que vos privam de estareis integralizados nas possibilidades de pensar e de agir, segundo os preceitos altruisticos da moral illibada e dos principios da lei equitativa.

Entretanto, nada do que vos pretendo falar é novo: é velho como as pyramides do Egypto, como os dolmens da Arabia, como a propria humanidade.

Existirá, por ventura, alguma cousa nova no mundo? A negação encontra echo na sentença do espirito maravilhoso de Salomão: *Nihil novum sub soli.*

É velho, pois o que vae constituir o assumpto de minhas despretenhosas ponderações. Já muitos homens

superiores disso se occuparam. Não obstante, disso mesmo me quero occupar, para que seja novo ao entendimento dos que ainda não experimentaram a realidade da vida, consolando-se viverem na abstracção, muitas vezes esquecendo a sua propria individualidade; para os que não sabem divulgar atravez dos traços característicos de uma physionomia jovial, uma alma damnhinha; para os que não sabem comprehender a psychologia do mundo com as suas criaturas humanamente boas, humanamente casquilhas, de sentimentos impuros.

Que bom não é sermos despertados da apathia em que, por vezes, nos achamos, para escancararmos a alma dos raios do sol da razão, que fecundam a mente para a germinação de idéas nobilitantes.

Eis por que pensei em vós e me deliberei escrever algo sobre tudo o que se relaciona com a nossa existencia terrena; sobre tudo o que nos emociona, que vive em nós e fóra de nós; das idéas, dos homens, dos factos; do mundo exterior que se furta á nossa sensibilidade, com as suas magnificencias; e do mundo interno, com a sua dualidade de sentimentos.

Não pretendo ser mentor vosso, ó almas simples, mas, ao menos, uma sentinella avançada na ingrem estrada da existencia, gritando aquelles que se vão despreoccupados, sem sentirem o perigo eminente que lhes está á frente: o abysmo das decepções, o sorvedouro das illusões, as fauces hiantes dos interesses leoninos.

A existencia tem as suas tragedias, as suas comedias. Aos simples, é dever de todo aquelle que aspira o bem commum, prevenir.

É pois, a vós que pertencem estas despretenhosas e humildes locubrações, ó simples seres mortaes.

FAUSTO RABELLO.

A dactylographa

Ao Joaquim Inojosa.

— Dizem que o Gabriel voltou...
 — E' certo. Vi-o hontem.
 — Veio casado?
 — Não. Veio como fôra: esco-

teiro...
 — Sério!!
 — Palavra. Estivemos juntos na Crystal, tomando uns sorvetes, e conversamos bastante.

— Pois, me haviam assegurado que elle fôra se casar no Pará.

— Effectivamente, embarcara com esse proposito, mas, chegando lá...

— Pesou as desvantagens da troca de estado civil... Que riso malicioso é esse teu?

— O romance de amor do Gabriel é um tanto futurista... Começou como nenhum outro ainda começara, e rematou tambem de maneira original...

— Como? Conta-me.

— Não o aproveitas, porem, para alguma novella...

— Fica tranquillo.

— O Gabriel, como sabes, é amannuense da Inspectoria de Protecção ao Gado Zebu', e, nas suas funcções burocráticas, pratica a dactylographia, redigindo officios. Ora, já de ha tempos vinha elle notando nos officios vindos da Inspectoria, no Pará, a rubrica da dactylographia num angulo inferior do velino. E era um nome pequeno, saleroso, tentador: Carmen.

— Lindo nome, em verdade. Lembra logo as espanholas...

— Aquelle nomezinho, á tinta carmin, quasi todos os dias diante dos olhos, boiui com o coração de Gabriel. Apaixonou-se e escreveu uma cartinha geitosa á collega...

— Bicho bom!



A formosa e galante senhor, na Consuelo Gomes Porto, dilecta filha do operoso e culto deputado Gomes Porto.

—... e a resposta veio. O namorado travou-se, aquetou-se ruborizou-se... O Gabriel avido de conhecer brevemente a escolhida, pediu uma licença e embarcou disposto ao casamento. Uma travessia de anedades... O vapor parecia-lhe que não se adiantava no mar.

— Si já houvesse serviço aereo...

— E, afinal, lá chegando, por signal que de surpresa, correu á Inspectoria... Subiu as escadas... annunciou-se ao director, entrou no gabinete. E... quasi calu morto.

— A Carmen era vesga ou torta...

— A Carmen era uma negrinha pernóstica e sem dentes...

MARIO SETTE.



Aquella menina bonita

que tinha nas faces a tinta rosea e clara das manhas vernaes e tinha nos labios de rubidez sanguinea a velludez dos botões de rosa; daquelle menina bonita, de voz de canario do imperio, e attitudes medievaes, que eu sempre encontrara no alegre jardim daquelle velho palacete colonial, entre caramanchões de jasmims do cairo e moitas de alvo bugari odorante, possuia nos olhos claros e languidos de princeza encantada, um ligeiro extrabismo insignificante.

Uns acharam-na menos bella; com aquelle pequeno defeito physico, eu a achara porém interessante.

Aquelle insignificante extrabismo dera ao seu languido olhar nostalgico uma expressão graciosa e meiga, propria das almas boas e sinceras.

Um dia, seu pae, riquissimo capitalista, resolveu livral-a daquelle defeito visual.

Levou-a para a America do Norte e depois para a Europa, consultou celebridades medicas, e um dia, em um dos mais afamados hospitales de França, uma perigosa intervenção cirurgica, que custara a seu pae uma cezena de contos, arrancou aos seus olhos claros e languidos, cheios de poesia nostalgica, o insignificante defeito physico.

E com os olhos livres do extrabismo que imprimia ao seu olhar, uma expressão suave e meiga, propria das almas boas e sinceras, ella voltou ao seu antigo palacete colonial, onde recepcionou as suas amiguinhas.

E aquella menina bonita que tinha nas faces a tinta rosea clara das manhas vernaes e nos labios de rubidez sanguinea, a velludez dos botões de rosa, aquella menina de voz maviosa e attitudes medievaes, que pos-

suia nos olhos claros e languidos de princeza encantada, um ligeiro extrabismo insignificante, falleceu esta manhã de uma syncope cardiaca!

COSTA MONTEIRO.

(Do livro "Paginas". Inedito).

Concurso literario

A "Rua Nova" tem o prazer de convidar todos os litteratos pernambucanos (somente pernambucanos) a concorrerem ao presente concurso, que agora abrimos, no intuito de premiar os meritos de quem os possue.

Desejamos saber qual o melhor soneto e qual o melhor conto *ineditos*. Uma idonea commissão julgadora, dará o seu veredictum. A "Rua Nova" como estimulo e como menção honrosa, offerecerá duas medalhas de prata. Uma ao autor do melhor soneto e outra ao do melhor conto.

Devem ser remettidos dois originaes: um com assignatura anonyma, e outro com assignatura do autor, ambos com a mesma numeracao.

O soneto que obtiver o 1.º lugar, será publicado na capa de nossa revista, com o retrato do auctor e o conto na 1.ª pagina redaccional, tambem com retrato.

Todos os trabalhos enviados, a "Rua Nova", terá o direito de publical-os se achar conveniente.

O presente concurso terminará impreterivelmente no dia 27 de setembro, quando serão conhecidos os nomes dos que irão julgar.

Thema do soneto — *Perfeição*.

Thema do conto — *Renuncia*.

A's composições classificadas em 2.º lugar, offerecemos — Poestas de Bilac e um livro de Affonso Arino.

Livros e revistas

"A União". — brilhante órgão de publicidade da vizinha capital parahybana, que tem na sua direcção o grande escriptor que todo o país conhece — Carlos Dias Fernandes, assim se expressou, na sua edição de 22 do corrente, sobre o livro "Primeiras Illusões" da autoria do nosso director:

"PRIMEIRAS ILLUSÕES" — DE SA' LEAL

O sr. Sá Leal, director da revista pernambucana "Rua Nova", é um dos mais claros espiritos da moderna geração intellectual do visinho Estado do Sul, onde actua com forte projectividade no circulo das letras. Poeta de fina sensibilidade e apurada imaginação, acaba agora mesmo de dar á estampa o bello livro de versos "Primeiras Illusões", reunindo cento e tantas producções de rythmos varios e todas interessantes pela forma que lhes deu o autor.

O sr. Sá Leal é um artista espontaneo, que não conhece a tortura inenarravel desses esthetas do verso, que têm Bilac á frente.

Não se lhe nota nas estrophes a obsessão da forma e a eurythmia dos sons, que foram toda a gloria dos parnasianos, esses privilegiados da palavra escripta, que ainda hoje nos deixam deslumbrados ante a maravilhosa esthesia de sua arte.

Não se filia tambem o autor das "Primeiras Illusões" ás modernas correntes futuristas, que estão escandalizando pelos seus exotismos o espirito da burguezia intellectual.

O critico de sua obra fica obrigado a declarar que os seus versos são escriptos com uma rara natura-

lidade, reflectindo um temperamento de elite, uma intellectualidade "rafinée" alguma vez perfumada de serena ironia.

Somos gratos á gentileza da dedicatória com que nos offereceu o autor um exemplar do seu livro, cujo aspecto material é um dos mais suggestivos e bizarros que temos visto.

Transcrevemos ainda a noticia que deu o mesmo órgão, na sua edição de 15 do corrente, sobre a nossa revista.

Ella:

"RUA NOVA"

Temos em mão o 7º numero deste elegante quinzenario que é incontestavelmente o mais importante registro da vida social e literaria do visinho Estado sulista pelo cunho de selecção que sabe imprimir ás suas collaborações.

O numero em apreço publica trabalhos de conhecidos escriptores, estampando interessantes "clichés" e caricaturas sobre a actualidade do Pernambuco.

"Rua Nova", que do proximo numero em diante, va ser vendida ás nossas livrarias, constituiu seu redactor correspondente nesta capital o joven intellectual pernambucano, sr. Alves Pedrosa.

Gratos pelo recebimento de um exemplar, levamos os nossos parabens á brilhante revista.

* * * * *

RUA NOVA

PUBLICAÇÃO QUINZENAL

1º Untirador: Amaro P. Ca-

salvaatti.

* Toda a qualquer correção *

* Depoia deve ser dirigida á rua *

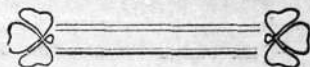
* Padre Nobrega 338.

* Numero do dia ... \$500 *

* Assigla annual... 12\$000 *

* * * * *

Imperfeição



—O seu acto é injustificavel...
—Não é. Ainda que fosse ha uma justificação.

—Qual?...

—Não amo Helena.

—Não amas? E' curioso. Ha dois dias proclamava-as ser ella teu Ideal e Sonho. Confessavas-te doido. Agora esse amor dissipado, desfeito... Resta essa grande paixão. Explica, se podes.

—Posso. E vou dizer.

Um sorriso indefinivel perpassou, vibrou, feriu os labios delgados e aristocraticos de meu amigo: Um sorriso esquisito.

Conhecem Ranulpho Barbedo? Não? Pois admira. E' o rapaz mais conhecido do Recife. Moças ha—e sei de muitas!—que fazem da figura esbelta e estranha de meu amigo o seu desejo de ouro. Querem-no como a uma cousa rara. Se não conhecem Ranulpho facil é comprehender essa preferencia escandalosa.

Barbedo é rico. Tem dinheiro e tem gosto. Gosto requintado da mais alta belleza. Da mais suave forma. Sabe amar e fazer-se amado. E' um conquistador.

Conquistar não é seduzir. Quem seduz não conquista. Ha entre esses dois verbos um mundo subtil de delicadezas e sentimentos. A mesma distancia metaphysica, existente entre a Belleza e a Formosura.

Adulado pelas mulheres, Barbedo nutria por todas, ou fingia nutrir, um desprezo indolente. De uma indolencia misericordiosa.

Eis! Um dia Ranulpho Barbedo ama! Ama Helena, a moça dos olhos negros, profundos. De uma profundidade casta de Vestal.

Desse amor nunca ninguém soube. Ou melhor, todos souberam. Souberam, sem de nada saber. Ranulpho



A joven belletrista patricia, senhora Carmencita Ramos, nossa collaboradora e que actualmente se encontra no interior do Estado, refazendo as suas energias.

fazia de Helena um mysterio intangivel.

Conheci essa mulher um dia, por acaso. Um desses acasos caprichosos e bizarros. De um caprichosismo fatal. A fatalidade da sina.

Vi Helena. Fiquei deslumbrado. Deslumbrado não digo bem. Fiquei exaltado. A exaltação é a quintessencia da Arte.

Helena era bella. Sua face alva, eburnea, era como a visagem de uma deusa napolitana. Seus cabellos eram bastos e fartos. Dessa abundancia plethorica,—perfume do fascinio.

Seus olhos... Que olhos os seus! Eram duas noites de voluptias. Queimavam. Causticavam, de tanto rutilo e negrume.

Foi essa mulher, a primeira amada por Barbedo. Mas... foi uma das muitas desprezadas.

O seu desprezo espantou-me. Olhei Ranulpho e chame-o de doido. Elle

sorriu como tantas vezes sorria.

—Meu amigo — disse-me Paulo. Na mulher a belleza não consiste na elevação suprema de todos os encantos. A moça mais fascinadora pôde ser a menos amorosa. O amor e a belleza quasi nunca vêm juntos. São antagonicos. Repellem-se como dois corpos repulsivos.

Olhei meu amigo. O olhar cansado não brilhava. Nos labios pairava um dos seus sorrisos indolentes.

—Quer fazer paradoxo? — volvi, saírizando.

—Não. Não vale a pena! Não gosto de paradoxos.

Houve um silencio. Fóra a noite ia escura. No ceu cor de bronze velho havia lampejamentos de estrellas. Pelo espaço passava uma aragem amena e sussurrante.

—E' isso, meu amigo: desfiz o noivado. Desfiz! Quer saber porque?... Helena era bella. E eu não sei se já houve alguma mulher mais bella. Tinha um defeito: era casta.

—Casta?—bradei exaltado.

—Sim. Era casta. De uma castidade irritante. Uma pureza excessiva, ridicula, estulta... Fui seu noivo. Nunca colhi um beijo em sua bocca rubra. E um dia quando brutalmente a beijei, senti não uns labios quentes, calidos, voluptuosos como os devia ter essa mulher perturbadora! Sua bocca era algida; e suas formas... essas formas esplendidas, retocadas de graça e encanto, eram formas mortas... Sua carne não vivia o esplendor do Amor.

Ranulpho ergueu-se. Tirou um cigarro da carteira e, fumou. Poz o chapéu na cabeça. Ia sahir quando volveu:

—Lembras-te de Joanna? Era feia! Lembras-te?...

No emtanto, meu amigo, essa mulher que não possuía olhos negros e fascinantes, essa mulher era uma

perturbação de amor. Era feia! Pavorosa! Mas... eu te digo ainda: essa moça desherdada de todos os encantos e todas as graças... tinha em seu corpo uma vofupia estranha. Seus beijos tinham um sabor acre, calido, de fructo sazornado. Vaes dizer que é paradoxo. E não é.

Volveu a pôr o chapéu na cabeça. Demorou-se olhando as estrellas. Lançou-me um olhar. Através da luz vi brilhar no seio de seus olhos o quer que fosse de verdade barbara.

—O homem, no amor, não admittie perfeição. A sedueção feminina consiste nessa cousa grandiosa:—fragilidade!

E incisivo:

—Direi mais: a perfeição superior da mulher sobre o homem, reside na ephemeridade de seus sentimentos. Só ha perfeição na Imperfeição das cousas!

E sahiu. A porta cerrou-se. O silencio soturno, pesado, da noite escura de estio, envolveu o ambiente.

—Desgraçado!—disse eu.

E disse bem. Dois annos após... —era 25 de agosto de 1920—li num dos jornaes da cidade, o assassinato de Ranulpho Barbedo. Mataram-n'o. E quer saber quem? Essa tal Joanna, a mulher feia.

—Desgraçado,—repeti ainda.

DE MATTOS PINTO.

Ofinda, 8—8—924.



No Boulevard

O mez de Agosto tem sido de chuvas copiosas. Friorento. As senhorinhas passam na Rua Nova agasalhadas. O vento frio, cortante, irrita e idermes. A linda "Flôr tropical" da rua da Concordia não tem apparecido. Que passe logo esse mez de Agosto tão frio e tão chuvoso!...

O poeta, impressionado, tristonho, saudoso do seu lindo palminho de cara, recitou numa das bancas da Bijou os seguintes versos:

Seu corpo esvelto e atraente.
Não mais alegre esta sala...
Que chuveiro impertinente!...
A tristeza me avassala...

Não ha remedio, pr'a um mal,
Eu definho, com certeza...
Vem linda Flor Tropical,
Espalhar graça e belleza...

—Bom dia, Mathilde!...
—Um abraço, Coneição!...
—Você hoje está um mimo.
—Quanta gentileza!...
—Como vai a prima Eunice?
—Está radiante.
—Engordou mais?
—Não é isso. Está gostando agora do dr. Nereu Gomes, medico intelligente e elegante.
—Meu Deus! Dr. Nereu?!
—Sim! Elle mesmo.
—Que coisa horrivel, Mathilde!
—Não acho, meu bem.
—Pede á prima Eunice que desista desse namoro!...
—Porquê?
—Elle namora commigo.

Appareceu uma destas tardes, passeando na Rua Nova, uma morena linda, salerosa, bamboleante. O chapellinho negro salpicado de flores encarnadas, contrastava admi-

ravelmente com o seu elegante tailleur de rosa escuro, olhos negros, luzidios, tentadores, um sorriso dominador, irresistivel.

Os olhos da rua perseguiram-na, attrahidos pela sua belleza esbonteadora.

Quando n'a morena apparece,
Ardenete, gracil, brejeira.
Endoída tudo, entontece,
E anarchisa a rua inteira.

Eu quizera saber quem foi,
—E o homem aqui, soffre esta pena—
Que soltou pro mundo o diabo.
Que se chama mulher morena.

—Você André, no cinema, tenha mais cuidado!...

—Eu só olho para você.

—Eu sei. Não é isso...

—Não tenha ciumes. Aquella moça estava olhando para um rapaz meu visinho.

—O negocio é outro...

—Diga, filhinha?!...

—E' preciso mais cuidado. Você hontem ia pegando a mão de mamãe pensando que era a minha.

Na Casa Franceza, ás 3 da tarde, o poeta Olympio Veras, comprando uns botões, percebeu no balcão contrario, graciosa senhorinha que o fitava significativamente. A' sahida, o vate, resolutamente, perguntou a morada.

—Longe, muito longe...

—Eu irei—dizia o poeta já esquecido das compras.

—Impossivel.

—Mora em Alagôas, Parahyba, Ceará...

—Muito longe...

—Na Europa. Posso acompa-

Aquella historia do Dr.

—●●●—

"MLLE. CINEMA"

Entre a multidão de intellectuaes da terrá, esta mesma multidão que frequenta a — Rua Nova, — ás 16 horas, sempre está o Flavio da Mauricéa, revestido das pragmatieas de um excellente "dandy"...

■ ————— ■
nhal-a. Sou solteiro.

—E o meu marido?

—A senhora é casada?!...

—Infelizmente.

Casamento sem amor,

E' uma completa illusão,

Vive na alma sempre a dôr,

E sangrando o coração.

—Alberto, marque o casamento.

—Não posso, meu bem.

—Você não se casa este anno?

—Tambem não posso.

—Mas eu quero me casar logo!...

—E' difficil.

—Não falta nada. Meu enxoval está prompto. E' preciso casar!...

—Só se seu paé cahir com dez contos de réis...

Não ha jeito.

D. Alzira Esteves passa, leve, saltitante, donairoza. Entra na Exposição. Os caixeiros, sollicitos, quem todô servil-a ao mesmo tempo. D. Alzira sorri bondosamente.

D. Alzira é tão bondosa,

Sabe tanto captivar,

Quando chega num logar.

Fica tudo em polvorosa.

Talentoso, emprehendedor, o rapaz, não se pode negar é mesmo, affeito á longas estradas, embora, seja incapaz de reter na memoria um simples soneto...

Outro dia, se não me engano, foi num dia quente deste mez findo, que o plethorico (com licença do Austro) Flavio, esteve convidado para assistir a uma hora litteraria em casa de M^{lle}. Luerna Garçonne, uma festa intima, onde o auditorio não seria numeroso, mas, distincto.

Começada a hora litteraria, intellectuaes recitaram versos de Bilac, de Gilka Machado e o Penante recitou, de sua lavra—Aquelle desejo: "Dona Tristeza.., deliciosa e muitos outros.

E' então, chegada a vez do talentoso Flavio. Elle, alto, gordo, com ares de abbade, talvez do abbade Moss, (sem batina), levanta-se, fosse irritando os bronchios, e abrindo um almanach de 1900, começa a ler, enthusiasmadamente:

— "Paulo! Meu Paulo vingança! etc..."

Depois de muito a plaudido, tornou a abrir um D. Quixote, (914) e ainda enthusiasmado leu a celebre parodia, — Pernas de gia — deixando o auditorio, suggestionado com recordações longinquoas...

— E aquelle rapaz loiro, bem loiro, de olhos azues, (talvez o Pedas suas perfidias e disse baixinho, nante ainda, não pôde conter uma naturalmente :

— Meu amigo, estás fóra de moda!...

E Elle, inchando, inchando sempre deixa escapar de uma só vez com emphase, com muito emphase...

Estou bancando o Dr. ARNALDO LOPES.

VON DEN GLEMOS.

Graça — Belleza — Fealdade
 — Elegancia e Maledicencia
 da Rua Nova

AQUELLA "MLLE. DUVIDA" QUE
 APPARECEU PARA O SER E
 O NÃO SER...

"Rua Nova!" meu grito lancinante de amor, esvaíu-se hontem no teu seio entontecedor!...

Meu coração desvaído chorou exangue, em tuas calçadas, de prédio em prédio, um bem que se perdeu outr'ora e que hoje achado, transformou-se em mal!...

"Rua Nova" de meu sonho, foste a luz e a fonte, a noite e o dia, a tempestade e a bonança, a alegria e o pezar, o céu e o inferno, o cardo e a flor, o gelo e a chamma, a morte e a vida, o mel e o fel, o pomo d'ouro, o espinho da descrença, aomba de esperança e o corvo do desespero, a primavera e outomno, a paz e inquietação de um grande amor perdido...

"Rua Nova!" Para que te pisei?

Magoaram-te os meus pés? O sangue porem, escoa-se de minha alma e estou doente... enfermo do espirito...

E soffro... soffro... do facil e do impossivel, da victoria e da derrota, do bom e do ruim, da virtude e do peccado, as consequencias alcançadas n'um duello titanico, sobrehumano entre dois olhos masculinos e dois... femininos... Foi breve o momento... mas foi longo o romance... foi curta a scena... mas foram infinitas as consequencias... foi simples, foi commum o que se passou, mas, foi impressionante...

Uma mulher entrou na "Bijou". Sentei-me em torno da sua mesa.



Idylla Seixas, filha do dr. Carlos Seixas

Não trocámos uma palavra. Os nossos olhos, não deixaram que falássemos. Form eles os grandes artistas da scena muda... tomaram todo o tempo.

A orchestra, em surdina, suave e melancolicamente, e escapava pelo salão illuminado, sons de uma valsa — soffrimento, uma valsa, que recordou o nosso poetico passado... plantado e cultivado, junto de um velho gortão, sem lustro, como canção da impiedade de longos annos, ao sol, á chuva e ao frio, coberto de trepadeiras, tapetado de um verde grammado, e rodeado de rosas mal cuidadas...

Ella me fitava, com a mão apoiada ao queixo... parecia extasiada, contemplativa.

Eu a fitava, com o pensamento

Savitry

"Narada então disse: — dentro de um anno, a contar deste dia, Satyavan, dotado de curta vida, desprender-se-á do seu corpo!"

"Então Savitry disse: — Eu peço-te esta graça: que Satyavan seja restituído á vida".

"Nisto Yama disse: — Assim seja, ó auspiciosa e casta joven; o teu esposo reviverá."

Do "Mahabharata".

NARADA faz tremer a corte poderosa
De Aguapati, o rei bem com a predição maldita.
Apenas Savitry, a joven mais bonita
De quantas viu Madrasta, a escudou, silenciosa...

(Seu pae sempre a ensinára, em vida majestosa,
Conhecer, mais que o Amor, sua força irrestricta:
Ralvava o então o reino, apenas visse afflicta
A mais bella que Sfi, a princeza formosa...)

...Satyavan vae morrer, — é Narada que o diz!
O sabio ha de mentir, — Savitry é que o quer!
E o rei devoto e bom nada diz que a conforte...

Mas volta a calma ao reino e a princeza é feliz:
Ante a força do Amor e o choro da Mulher,
Yama perdera então seu prestigio de Morte!

TARGINO AMORIM.

no passado lembrando os nossos dias findos... as nossas promessas de um fiel amor e eterna união, n'um futuro que nos acenava, a travez de um horizonte côr de rosa, como crianças puras, innocentes, acenam ás timidas borboletas e aos colibrys vivazes...

"Rua Nova!" "Rua Nova!" meu canto — amargurado, meu canto — sonho, meu canto—amor, para que te vi eu nessa tarde—recordação?

Tu te conservaste clara... mas os meus olhos se nublaram e quaes dois pequenos lagos, encravados no meu rosto, encheram-se d'agua... e trasbordando, sangraram em dois finos veios, pelas extremidades, sem o ruído das cachoeiras e o murmúrio dos regatos... com a tristeza e

o silencio do escorrego das lagrimas de cera, em torno de uma virgem que não vive...

"Rua Nova!" coreira de meu poema de mortos annos, para que o descnterraste?

Para dar vida á tua vida, lá á tua malha, calor á tarde fria que te cobre, luz a noite escura que e espera, sombra á tua vaidade, estelheo á tua obra e desespero ao coração que falhou no amor, no sonho na esperança...

"Rua Nova" — tecelã de odio e paixão, de tristeza e alegria, de vicio e goso para que me envolveste, "aranha" venenosa na teia insegura de teus caprichos?

Eu e ella, querendo e renunciando amando e odiando, rindo e cho-



A prendada e distinta senhorinha
Maria Moraes Gayão

rando, vendo e cegando, vivendo e
extinguindo...

Tudo, porque nos fizeste encontrar
um só momento!

"Rua Nova!" "Rua Nova!" Borda-
deira de meus sonhos alegres litte-
rários, porque pões agora em tua
grade que tortura, o coração de um
chronista, irreal nos pensamentos
já passados?

"Rua Nova!" "Rua Nova!" não
viste, sem duvida que elle cho-
rou... não viste que a "mlle. Du-
vida" desta chronica viveu um ins-
tante de pesar e mil de desalento...

Revelaste a tua força sobre o
fraco, a luz sobre a sombra.

Atiraste a setta na doce andori-
nha e com o mesmo ar, indifferen-
te, ficaste immovel, na contempla-
ção do desenrolar mysterioso de
nosso drama...

"Rua Nova!" — deusa que fasci-
na — geradora de lendas... por
que motivo procuras abandonar-me,
ao aconchego de "mlle. Duvida",
fazendo de mim o romantico sem
cabeça?

"Rua Nova!" "Rua Nova!" "deu-
sa dos sonhos!" porque distillas o
mal e o bem, sem que dos dois,
possa eu distinguir qual o melhor?

Meu canto, meu poema, nesta
hora desalentadora, que vibre de
emoções, que se estenda ao cora-
morra; que diga bem alto a minha
companheira envenenada; que não
morre; que diga bem alto a minha
exaltação; que se espalhe por toda
a parte, para que a "deusa dos
Sonhos", divindade que não fala,
não come, não bebe e não fuma,
arranque do meu e do coração de
"mlle. Duvida", a alma satânica de
tudo que nos fez chorar, n'uma
rapida recordação de um grande
amor partido outrora... hoje im-
possivel de ser reatado no ou-
tomno que pesa sobre mim, em-
branquecendo os meus cabellos, en-
rugando as faces, amarrando o an-
dar, encurvando o corpo e mais
que tudo, separando o outomno e
a primavera.

Outomno — estação que eu te-
nho em mim — Primavera —
quadra que sorri ao coração de mi-
nha "mlle. Duvida", enfeitando-o
de rosas e cobrindo de folhagens
verdes...

"Rua Nova!" E' possivel o en-
contro dessas estações?

"Rua Nova!" deixa em paz as
nossas almas! e não permitas nu-
ca o nosso encontro... nunca...
nunca...

João Paulistano



Rosa Rodrigo



Publicando hoje na capa de nossa revista o "cliché" de Rosa Rodrigo, julgamos prestar as nossas simples homenagens, áquella, que se fez, rainha da arte e conquistadora de fundas sympathias no seio da sociedade pernambucana.

Conheciamos já a fama de que desfructava nos centros theatraes, antes de sua permanencia nesta capital e foi por isso, que resolvemos falar á grande artista.

Recebido com fidalguia e distincção, entramos a palestrar.

Rosita foi nos dizendo, com um sorriso nos labios e uma certa vivacidade aos olhos: "Sou amiga de todas as revistas e muito grata fico pela sua visita. Gostei muito da "Rua Nova", li toda, especialmente a chronica do sr. Dusan Miranda e os versos do sr. João Paulistano... oh... que bellos versos... que linda chronica! Pena é que se referissem á minha pessoa!

Indagámos pela sua impressão de nossa capital e de nosso publico.

Rosita, achou uma cidade laboriosa e um publico um tanto frio, mais frenetico entusiasta em dados momentos. Referiu-se a Bahia, onde foi mais applaudida e onde o successo de bilheteria, foi maior. Todavia, só lhe sobravam motivos para um agradecimento, muito sincero á culta platéa pernambucana. Poderá dizer isso mesmo na sua revista, accrescentou ella, O que mais me encantou em Pernambuco, foi o passeio que fizera á Olinda. Poucos paizes possuem a belleza da velha Marim.

Lançando o olhar no horizonte, que lindo espectáculo: ao fundo — o azul do céu parecendo o grande mar, e em frente — o coqueiral, como que emergindo do seio das aguas...

Na Sé, que grandiosidade! o olhar se perde no Oceano, no Recife, nas praias, nos montes. Fiquei encantada, encantadissima (e tomou a repetir): poucas paesagens possuem a belleza da velha Marim...

Rosita declarou-nos que daqui, iria directa ao Rio, onde deveria fazer uma temporada. De lá seguiria para a Europa. Nessa volta, talvez ainda desse alguns espectaculos em Recife.

Em seguida mostrou-nos uma photographia do rei Affonso XIII de Hespanha, com a seguinte dedicatória: "A Rosa Rodrigo — Affonso XIII.

N'um album vimos a assignatura dos seguintes homens celebres: Mussoline, Lloyd George, Principe Piemonte, Marconi, general Cavilla, Guido de Verona, Felippo Turatti, Nicoláu Bombacy, Benlhure, o maior esculptor hespanhol, Amadeu Vices, o maior compositor hespanhol e Amado Nervo.

Victor Orlando e Primo de Rivera assim se expressaram no album de Rosita: o 1.º — "A una valenciana encantadora (assig.) — Miguel Primo de Rivera: o 2.º — "La dona perverte, diverte e converte."

E até o nosso Olegario, Mariano escreveu no querido album da grande artista esta linda estrophe:

"Rosa de Italia e de Hespanha!
Quando te pões a cantar
Toda a minha alma, se banha
N'um grande banho de luar."

E ao despedirmos da famosa valenciana, ella, nos pediu para que transmittisse o seu agradecimento á imprensa e ao povo de Pernambuco.



Recebem semanalmente novos sortimentos em calçados para homens, senhoras e crianças.

Artigos de Sport: meias para homens e senhoras

Casa Clark

Rua Nova 193 — Filial

Rua da Imperatriz — 269

A Fabrica Modelo

Proprietario F. Felix Cavalcanti Filho

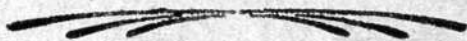


Dispõe de esplendidos figurinos para moveis, chegados recentemente de Paris, Buenos-Ayres e Rio.

Confecciona-se com a maxima presteza e exatidão, qualquer encommenda de moveis.

Tudo isso faz a Fabrica Modelo, com a condição especial de ser por preço baratissimo.

Avenida Lima Castro, 243



CONFEITARIA BIJOU

DE

Ameida Bastos & C.

Está sem rival no Recife, competindo com as melhores especialistas do Rio de Janeiro. É o ponto chic das reuniões de elegancia e graça, frequentado pela fina sociedade recifense : : :

No n. 370 a qualquer hora frios diversos, serviço rigoroso de café, leite, qualhada, bonbons, conservas, fructas, vinhos, queijos, nacionaes e estrangeiros

CHOPP DA BRAHMA

Orchestra permanente

Rua Nova, 362

FUMAR SÓ MARCA VEADO

LEADER

BAUNILHA

RACHEL

Encontram-se em todos os fiteiros

Deposito de Pernambuco:

Praça do Mercado, 22—Teleph. 615

Herm. Stoltz & C.

Caixa 168—RECIFE. End. telég. HERMSTOLTZ
Avenida Marquez de Olinda, 35

SECÇÃO ARMAZEM

Completo sortimento de:

Cutelarias, Ferragens, Artigos de alumínio, Louça esmaltada, Tintas, Vernizes, Oleos, Drogas, Arame farpado, Arame liso, Picaretas, Pás, Canos de ferro galvanizados, etc etc.

SECÇÃO TECHNICA

EM STOCK:

Machinas para serrarias, Padeiras, Papelarias, Funelarias, Officinas mechanicas, etc. etc.

Bombas, Material para transmissores, etc. etc.

SECÇÃO DE ESTIVAS

Agentes das Manteigas:

GENUINA, CRUZEIRO, CAMPESTRE e RIQUEZA DO BRASIL

SECÇÃO DE SEGUROS

Agentes das Companhias:

INTERNACIONAL DE SEGUROS, RIO DE JANEIRO, ALBINGIA e HAMBURGO.

SECÇÃO MARITIMA

Agentes do:

Norddeutscher Lloyd, Bremen, Hugo Stinnes Linien, Hamburgo e Artus, Danzig.

SECÇÃO DE ENCOMMENDAS

QUAESQUER ENCOMMENDAS PARA A EUROPA e AMERICA

Representantes da fabrica de moveis VIENNA, WALTER GORDAU, PORTO ALEGRE.

Cofres e fogões economicos "BERTA", Camas de ferro e moveis de ferro.

Fundição Federal do Rio de Janeiro: Chapas para fogões, Fogareiros, Ferros de engommar etc.

Grade de ferro, Candelabros, etc. etc.

CHARUTOS STENDER

Marcas preferidas: RAPHAELA, CONQUISTA e LEGITIMO.

CIMENTO EXCELSIOR

A Marca que maior consumo tem no Brasil.

Costa Carvalho & Cia. Despachantes geraes da Alfandega e Recebedoria. — Commissions e consignações. — Aceitam-se representações de fabricas nacionaes e estrangeiras. — **Rua Visconde Itaparica n. 224—RECIFE.**

Omega !!! Omega !!!

Setenta milhões de relógios dessa marca estão espalhados pelo mundo.

Unicos depositarios em todo o norte do Brasil

J. Pessoa de Queiroz & Cia.

RECIFE

OSWALDO MACHADO BRANDÃO

Despachante geral da Alfandega e Recebedoria
Encarrega-se de despachos de importação e exportação e desembaraços.

Trabalho rapido, sincero e perfeito

AVENIDA MARQUEZ DE OLINDA 142 — 1.º ANDAR

RECIFE

Amorim, Fernandes & C.

avisam ao commercio e ao publico,
que são os unicos vendedores da
afamada aguardente, saborosa e
aperitiva

MULATA

e recebedores exclusivos da man-
teiga, a unica que o povo quer e
exige

SALINGER

End. tolog.—ESTIVA. Caixa postal 129
R. Vigario Tenorio, 185 — Pernambuco

Quer ser feliz ?

Visite a

Sapataria Santo

Antonio

é a unica que combate a carestia e
ofrece vantagens aos seus freguezes.

Calçados para homens, senhoras e
creanças, meias, malas, chapéus,
guardasões, capas de borracha e mul-
tos outros artigos que agradarão ao
mais exigente freguez. Rua larga do
Rosario, 134. — J. Mariano Gue-
des. — Recife.

CASA CENTRAL

ALFAITARIA

DE

Antonio Gonçalves

Completo sortimento
de casemiras, Plam-
beach e brins. Confeção
de 1.^a ordem.

Preços e pontualid des
sem competencia.

Rua Mathias de Albu-
querque, 83
Recife

Viriato & Villa-Chan

Os maiores recebedores de xarque
no norte do Brasil
Grandes vendedores de xarque e es-
tivas em grosso pelo menor
preço do mercado

Rua Pedro Affonso 6 e 20

Teleg. VIRIATO—RECIFE

Pernambuco

AS CASAS "PAULISTA"

Dispõe constantemente de enorme e
variadissimo sortimento de
tecidos de todas as qualidades, nacio-
naes e estrangeiros, que
vendem a preços sem competencia.

Novidades
todas as semanas

Loureiro, Barbosa & C. L. da

Travessa do Amorim n. 75

RECIFE
PERNAMBUCO

End. telegraphico LOUBOSA

Estivas, farinha
de trigo, xarque, etc,

Proprietarios
da Saboaria
Franceza

Importação e exportação
Commissões e consignações

Agentes em todas as praças do paiz e estrangeiro



WILSON SONS & COMP.

Avenida Alfredo Lisboa 533

RECIFE

Estão liquidando
a preços modicos
um stock de tintas
de esmalte e verni-
zes finos para di-
versos usos.

SABOARIA PARAHYBANA

Seixas Irmãos & C.

— PARAHYBA DO NORTE —

A mais importante do paiz pela grande variedade e excellente qualidade de seus sabonetes e tambem pela, sua enorme produçãõ diaria.
Os seus sabonetes são incontestavelmente os melhores, porque conservam authenticos, até o final, os perfumes nelles empregados.
E' a que produz maior variedade de sabonetes Perfumados e Medicinaes.

RECOMMENDAMOS A'S EXMAS. FAMILIAS AS SEGUINTEZ MARCAS DE SABONETES PERFUMADOS

FELIPE'A—O Meal para as pessoas de fino gosto. Sabonete de luxo, type francez, aroma sem rival.

EPITACIO PESSOA—Perfume agradabilissimo.

BILLA—Perfume de Agua de Colonia, sabonete oval e de preço razoavel.

GENTLEMAN—Sabonete finissimo de grande reputação.

SANDALO—Sabonete grande, redondo, perfume Lavander, concentrado e muito aromatico.

ANGELITA—Perfume rosa, extrafino, fabrico esmerado.

ORCHIDE'A—Delicioso sabonete, perfume Rainha das Flores.

FLOR DA PERSIA—Perfume delicado, suave e de grande duração. O seu preço é muito, medico, comparado á qualidade do sabonete.

SEIXAS—Perfume Flor do Brasil, é um sabonete que se impoz pela sua optima qualidade, comparada ao seu diminuto preço.

SONHO DAS NYMPHAS—Reclame da fabrica, perfume delicioso e permanente. Custo diminuto.

PRINCESS—E' um optimo sabonete, muito duravel, bem perfumado e a preço excessivamente commodo.

SANTAL—Em sabonetes de baixo preço esta marca combaterá todas as semelhantes, devido ao seu agradável aroma, muito concentrado, pres-

tando-se não só á mais fina "toilette", como tambem para barba. O seu uso equivale a um seguro reclame.

SABONETES MEDICINAES

Fabrico esmerado por habil chimico. Maximo escurpulo nas dosagens dos medicamentos. Preços excessivamente commodos

Alcatrão	10 ..
Alcatrão e enxofre	10 ..
Alcatrão e ichtyol	5 ..
Enxofre	10 ..
Ichtyol	1 ..
Sublimado	1 ..
Sublimado e resorcina	1 ..
Sublimado e ichtyol	1 ..
Araroba	1 ..
Araroba e ichtyol	1 ..
Phenicado	2 ..
Lysol	4 ..
Boricado	5 ..
Sulphuroso e phenicado	6 ..
Creolina	5 ..

TEMOS EM DEPOSITO PERMANENTE OS SEGUINTEZ:

Recommendamos:

SABÃO "PROTECTOR", hygienico, carbolico, optimo desinfectante, não prejudica a pelle

SABÃO "ALVORADA", o melhor que existe para lavagem de seda e tecidos finos.

SABÃO "JASPE", em blocos de 150 grammas, consistente, economico e de superior qualidade.